

## ESTUDO DE CASO DE UM SUJEITO AFÁSICO A PARTIR DA TEORIA DE ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

Érika Maria Asevedo Costa<sup>1</sup>

*Nadia Gonçalves de Azevedo*<sup>2</sup>

À luz das concepções linguístico-discursivas, este trabalho concebe a linguagem como atividade social, materializada através do discurso. A questão do sujeito afásico é compreendida como uma alteração no funcionamento da linguagem, proveniente de lesão neurológica, que, dentre outros problemas, faz com que o afásico sinta bastante dificuldade em fazer com que seus significantes sejam interpretados pelo interlocutor como efeito de sentidos, pela via da linguagem, o que pode resultar em isolamento social. A afasia se traduz em alterações da linguagem oral e escrita, tanto em relação à expressão quanto à compreensão, o que não significa que o afásico não possa interagir linguisticamente na construção da significação (COUDRY, 2001).

Utilizou-se como base teórica para construção desse trabalho as ideias que sustentam as teorias de Análise do Discurso de Linha Francesa, doravante, AD a qual representa o surgimento de uma ciência que defende que só é possível perceber os sentidos em sua “movências” (GREGOLIN, 2001). A teoria foi fundada por Pêcheux na Europa, no final da década de 60, trazendo a tona uma nova concepção de linguagem, diferente da proposta, que é apresentada no Curso de Linguística geral de Ferdinand Saussure que provocou profundas transformações na ciência linguística, porque propôs um deslocamento conceitual, em que se separou a prática da teoria da linguagem. Nesse sentido, deixou-se de estudar a língua como um meio de expressão de sentido; a língua deveria ser estudada como um sistema, e seu funcionamento é que deveria ser descrito. Pêcheux acreditava que se deveria renunciar à concepção de linguagem como instrumento de comunicação, mas como alertou Henry (1997), isso não significa dizer que a linguagem não serve para comunicar, mas que esse “aspecto é somente a parte imersa do iceberg” (MARIANI, 2008).

A AD é uma disciplina que já nasceu transdisciplinar, que se apoia numa teoria linguística, numa teoria histórica e numa teoria de sujeito (GREGOLIN, 2003). Ou como apresentam Pêcheux e Fuchs, no quadro epistemológico da AD articulam-se “três regiões do conhecimento científico”:

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; 2. Alinguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; 3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 163-164).

Na construção da AD, Pêcheux precisou contar com “três pilares”, representado pelas teorias de Louis Althusser, com sua releitura das teses Marxistas; Michel Foucault com a noção de *formação*

<sup>1</sup> Mestre, PPG em Ciências da Linguagem-UNICAP. [erikacostalinguagem@gmail.com.br](mailto:erikacostalinguagem@gmail.com.br)

<sup>2</sup> Doutora, PPG em Ciências da Linguagem-UNICAP. [nadiaazevedo@gmail.com](mailto:nadiaazevedo@gmail.com)

*discursiva*, da qual derivam vários outros conceitos (Interdiscurso; memória discursiva; práticas discursivas; etc.), além dos escritos de Lacan com suas leituras das teses de Freud sobre o inconsciente, com a formulação de que ele é estruturado por uma linguagem (GREGOLIN,2003). Segundo Ferreira (2000, p, 39), a “complexa composição instaura um caráter conflituoso desde o assentamento de seus postulados”. E, segundo essa autora, aí se encontra o principal alvo de confronto. É justamente a linguística, em função de que a AD, ao propor a exterioridade como constitutiva dos discursos, contrapõe-se diretamente ao caráter de imanência presente em todas as outras ciências da linguagem. Dessa forma, o que torna a AD “corrosiva” é o fato de problematizar questões já estabilizadas no interior da linguística. Particularmente, é questionado o postulado da autonomia da sintaxe em relação à semântica, bem como o esquecimento, por parte da linguística, da noção de história (e também do sujeito) (FERREIRA,2000).

Diante do exposto, este trabalho objetiva analisar os efeitos de sentido que um sujeito afásico apresenta na sua produção oral na interação com outros sujeitos afásicos em grupo de Convivência.

Este trabalho apresenta os resultados obtidos numa pesquisa realizada na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, no grupo de convivência de Afásicos, do Mestrado de Ciências da Linguagem, que atua com ênfase na modalidade oral e escrita da linguagem, bem como oferece um *locus* para discussões sobre a inserção do sujeito afásico na sociedade. Os dados aqui apresentados foram coletados a partir de quatro encontros semanais de 2 horas de duração no Grupo supracitado de Convivência dos Afásicos. Durante os encontros, foram gravados e filmados os discursos de oito sujeitos participantes, com especial atenção para um dos sujeitos participantes que se destaca pelo interesse em interagir com o grupo, com um total de 12 horas de transcrição e posterior análise.

O sujeito da AD não é fonte de seu dizer, se encontra atravessado por várias vozes, se manifestando no seu discurso. O sujeito é constituído na interação social, com outras vozes constituído por uma heterogeneidade dos discursos (FERNANDES, 2005). Para a AD, o discurso sempre é heterogêneo, quando se fala de heterogeneidade, refere-se a discurso outros que interpelam e constituem o sujeito (GREGOLIN, 2003).

Percebe-se que o discurso do sujeito analisado, destaca-se a materializar as ideias referentes à terra onde viveu com seus pais, Cidade de Floresta, que fica a 439 quilômetros do Recife, cidade que ficou conhecida pela rixa entre as famílias Ferraz e Novaes desde o ano de 1913, pela disputa de poder político; aspecto sempre ressaltado pelo sujeito no seu discurso. Pode-se observar claramente que o mesmo pertence a uma dessas famílias. É perceptível um atravessamento da memória discursiva, junto ao interdiscurso, que se mantém diretamente ligado a sua infância, nessa cidade. Segundo Pêcheux (2007), é a memória discursiva que permite um encontro entre temas bastante diferentes, abordando as condições, nas quais um acontecimento histórico descontínuo e exterior se inscreveu na continuidade interna de sua memória.



Confirmando essa concepção, Indursky (2011) e Orlandi (2012) afirmam que o saber discursivo faz com que o dito ganhe sentido, uma vez que essa memória é constituída pelo já-dito, possibilitador de todo dizer. Isso é notória primeira reunião para coleta de dados dessa pesquisa<sup>3</sup> (Recorte 1), que foi conduzida a partir das notícias que mais chamaram atenção no decorrer da semana, relatando casos de mortes incluindo familiares, nocaço do menino que matou a mãe, pai, tia e avó em São Paulo.

P: Vocês viram que uma criança matou a mãe, pai, tia e avó em São Paulo.

SA: ....Lá na cidade...eh eh.... {RISOS!!! RISOS!!! não lembro ...minha mãe..... Floresta

P: Na sua cidade também aconteceram mortes entre família.

SA:....É que passou, aí meu Deus, não lembro! Tá aqui. (apontando para o papel)

P: Teve muita matança lá, na sua cidade.... Não sei... Por quê?

SA:....Tem menos matança em Floresta ...eh.. eh.

SA é um sujeito bastante informado, que lê jornais e assiste ao noticiário, assim como utiliza a internet com facilidade e rotineiramente. Apresenta ótima compreensão de linguagem oral e escrita, porém fala e escreve com grande dificuldade. Ainda assim, acompanha muito bem tudo o que é discutido no grupo e assume o lugar de dizer, mesmo com muitas pausas e manutenção de um agramatismo<sup>4</sup> persistente. Daí seu discurso caracterizado por expressões “não lembro”, “eh”, “tá aqui”, apontando para o papel com a finalidade de fazer o outro entender que ele não ocupa mais a posição de domínio de sua linguagem (o que é uma ilusão, porque, de acordo com a AD, no resgate da psicanálise laciana, o sujeito não controla o que diz). Esses dizeres do sujeito afásico também remetem à formação discursiva do sujeito “que não consegue dizer”, marcado em seu discurso, uma vez que é a formação discursiva que regula “o que pode e deve ser dito” em um lugar social e historicamente determinado, ocupado agora por um sujeito que, em sua perspectiva, “não sei”(não sabe). Ainda assim, permanece ocupando a posição de quem pode e deve dizer. Da mesma forma, os companheiros afásicos do grupo o aceitam e se esforçam por compreendê-lo.

No recorte 2 abaixo, fica registrada a discussão referente à reportagem que descreve o fato de o Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama e o seu senador Roger Wicker terem recebido uma “carta” envenenada.

P: Vocês viram a reportagem da carta com veneno que o Presidente Barack Obama recebeu? Onde foi?

SA: ..... Bomba! Pá pápá... aqui... tiro... Mas ele é safado também..... AH, meu Deus... Não sei não..... calma....(silêncio)

<sup>3</sup> Legenda: SA – Sujeito afásico; P - Pesquisador

<sup>4</sup> Agramatismo é um sintoma afásico, caracterizado por uma fala telegráfica, em que palavras-chave são mantidas, em detrimento de elementos menores, de ligação, como preposições, conjunções e artigos.



SA:..... - AH... Ah... AH... ( pausa) depois..... Obama.....rapaz.....

SA:.....e... é... é... Hitler.....(silêncio)

P:.....Você acha que Obama é como Hitler?

SA: .....Sim...Sim.....

SA. ....é... é aqui... (silêncio).

Percebe-se que é constante no discurso do sujeito afásico a pausa ou o silêncio, diante da fala, na interação do seu discurso com o pesquisador, mostrando muita instabilidade no uso das palavras que pretende usar para expressar seu pensamento. Também pode significar um pedido de socorro ao seu interlocutor, quando ele fala “calma” e “silêncio”. No entanto, na maioria das vezes, o sujeito opta por assumir uma posição de silenciamento diante do outro. Tomando a teoria da AD, o silêncio pode estar diretamente vinculado à dimensão da incompletude, em que todo dizer está relacionado ao não dizer. “Pode-se pensar o silêncio não como falta; ao contrário, pensara linguagem como excesso” (ORLANDI, 2002, P. 33). Nessa perspectiva, no silêncio há sentidos, pois ele significa algo a ser dito através do não dito. Nesse caso, o silêncio da forma como está sendo abordada, não é vazio e sem sentido. Ele causa efeito no outro, que vê a linguagem significar, sair do “vazio” e instaurar algo que pode ser dito “de forma, em possíveis sentidos” (ORLANDI, 2002). As pausas aparecem continuamente e mostram o sintoma na/da linguagem. A fal(h)a que faz parar, que cristaliza, mas que também insiste em significar. Assim, sendo pausas e silêncios, o discurso de sujeitos afásicos deve ser cuidadosamente analisado para que se possa compreender como produz efeitos de sentido.

O Recorte 3 é fomentado pelo questionamento: quais notícias mais chamaram atenção no decorrer da semana?

SA - Globo...Globo...dinheiro...dinheiro...calma

P:A Globo tem muito dinheiro? Pensa só no dinheiro.

SA - Hum hum(silêncio).

P:Você assiste outro canal? Band?

SA -:É lá é... (silêncio).

P:Do jornal da Band, o que você lembra que passou ontem?

SA: .... - É... é... Legal (com o dedo polegar para cima, indicando aprovação com o canal da Band).

SA:....Globo...Globo..... Zero...rapaz.....zero (com o dedo para baixo).

SA: ....Dilma .....Dilma..oh! oh! (Com o dedo para baixo indicando nota zero).

Pode-se observar que o sujeito em questão *escolhe* (inconscientemente, já que a seleção está no eixo do que está em ausência, de outras possibilidades de dizer) uma só palavra para



designar o dito. Através de uma só palavra, SA concentra todos os desdobramentos da resposta completa, como “Globo”... “zero”....“Dilma”... “Oh”...

Em uma teoria pragmática, isso significaria que o recurso expressivo utilizado pelo sujeito afásico, neste caso, seria bem sucedido, pois o sujeito expressa sua intenção de modo a possibilitar uma interpretação adequada por parte do interlocutor. Neste sujeito afásico, haveria uma impossibilidade de concretização do processo metonímico, isto é, um distúrbio da contiguidade.

Segundo Coudry (2001), o que está evidente nas respostas do sujeito é o funcionamento de sua linguagem através do mecanismo da metáfora, que é uma figura de estilo fundada em relações de similaridade e de substituição, fazendo um uso empobrecido da metáfora devido à incapacidade do sujeito de expressá-lo verbalmente (COUDRY, 2001).

Por outro lado, partindo-se da proposta da AD, pode-se afirmar que o sujeito não tem controle sobre o que diz e a Afasia limita as condições da língua, levando o sujeito a ocupar uma posição do “dizer pouco” ou silenciar, ao se deparar com a fal(h)a que pode não fazer sentido no outro.

Percebe-se no discurso do sujeito, que se faz deslizar sentidos assentados em uma relação com o universo que perdurou na cidade onde nasceu, Floresta. É constante no discurso de SA a relevância ao tom de briga e revolta pela política e falta de credibilidade da mesma, que foi causa da morte que remete a um passado de sua família. Segundo Morato (2000), os sujeitos afásicos são capazes de usar a linguagem, contudo sentem mais dificuldade em encontrar as palavras que pretendem enunciar. Isto pode ser observado principalmente quando o sujeito fala “calma” é aqui “oh”, e fica em silêncio. O silêncio também funciona como estratégia para a fala. AD afirma que não há discurso destituído de ideologia, bem como não há discurso que não venha de outros, já ditos anteriormente.

O discurso se faz a partir do momento em que o autor formula seu dizer e o faz sob a ilusão de que ele é a fonte e a origem de seu enunciado e, assim procedendo, ele funciona sob o efeito do esquecimento de que os discursos pré-existem, que foram formulados em outro lugar e por outro sujeito, e que ele os retoma sem ter consciência.

Portanto, é desta forma que se percebe que a memória discursiva convocada na e pela AD, está sendo representada pelo discurso do sujeito afásico em estudo, ao enfatizar e realizar a partir da repetibilidade, a retomada constante do discurso da sua terra natal, em que era comum o assassinato entre famílias.

Conclui-se provisoriamente, considerando a incompletude do sujeito e da linguagem, portanto, que através da teoria e dos procedimentos analíticos da Análise do Discurso de Linha Francesa, é possível compreender o movimento de funcionamento linguístico-discursivo do sujeito afásico. À luz da AD, todo sujeito tem um papel importante na organização da linguagem, e isso não se restringe ao sujeito afásico; é uma das características de todo sujeito que se comunica, não no sentido de transmitir informações, mas de interagir, o que envolve a língua e o social.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COUDRY, Maria Irma Hadller. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.205.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005. p. 128
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *Análise do Discurso: os sentidos e suas movências*. In: GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise, CRUVINEL, Maria de Fátima e KHALIL, Marisa Gama (Orgs.). *Análise do Discurso: entornos do sentido*. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001. p. 9-34.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004. p.220.
- HENRY, Paul. *Os fundamentos teóricos da "Análise Automática do Discurso"* de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F e HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. p. 311-318.
- MARIANI, Bethânia. *Sujeito e Sentido: efeitos de linguagem*. Disponível em [http://www.uchile.cl/facultades/filosofia/Editorial/libros/discurso\\_cambio/65Marian.pdf](http://www.uchile.cl/facultades/filosofia/Editorial/libros/discurso_cambio/65Marian.pdf). Acesso em 08 agosto. 2013.
- MORATO, Edwirges Maria. *Sobre as afasias e os afásicos: Subsídios Teóricos e práticos elaborados pelo centro de Convivência de afásicos*. São Paulo: UNICAMP. 2002.
- ORLANDI, EniPulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas. SP. Pontes/ UNICAMP, 2012
- PÊCHEUX, Michel. *Papel da Memória*. In Achard, Pierre et al. *Papel da memória*. 2 ed. Campinas: Pontes Editores, 2010. Trad. NUNES, José Horta Nunes. p. 71.
- PÊCHEUX, Michel e FUCHS, Caterine. *A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas*. In: GADET, F e HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. p. 163-252.